

A LEITURA HIPERTEXTUAL NA BÍBLIA

José Carlos Leandro
(UFPE)

jleandrus@uol.com.br

Antonio Carlos dos Santos Xavier
(UFPE)

tonix@uol.com.br

RESUMO: *O presente trabalho aborda a prática da leitura da Bíblia no suporte de um hipertexto eletrônico e digital. A concepção da Bíblia no estudo em questão é a de um produto literário situado em determinado contexto sócio-comunicativo. Buscamos compreender as principais características desse novo tipo de leitura potencializada na web, tendo por base as teorias do hipertexto eletrônico.*

PALAVRAS-CHAVE: Hipertexto-Leitura-Bíblia

ABSTRACT: *The present work approaches the practice of the reading of the Bible in the support of one hypertext electronic and digital. The conception of the Bible in the study in subject is the one of a located literary product in certain partner-communicative context. We looked for to understand the main ones characteristics of that new type of reading power in the web, tends for base the theories of the hypertext electronic.*

KEY WORDS: *Hypertext-Reading-Bible*

0. Introdução

O presente trabalho procura compreender as práticas de leitura da Bíblia em um ambiente hipertextual digital. Compreensão entendida como relação com outras práticas de leituras dos sujeitos da pesquisa. A leitura de um texto no suporte digital possui suas especificidades que o tornam aberto às diversas inferências dos leitores em suas múltiplas realidades. Nessa perspectiva, o hipertexto potencializa mudanças nas práticas de leitura de qualquer tipo de texto. A Bíblia, enquanto produto literário de várias épocas, representa, pois, um esforço hermenêutico de longos séculos em compreender a vida de determinado povo através do legado da leitura dos fatos através dos escritos sagrados.

Objetivando contribuir com a reflexão sobre a questão da leitura hipertextual na exegese bíblica, este trabalho pretende analisar os fundamentos teóricos e os resultados de sua aplicação na leitura da Bíblia em suporte de hipertexto digital em comparação com a leitura realizada no texto bíblico em suporte tradicional, ou seja, impresso.

O fato de a Bíblia ser constituída por múltiplos textos “elaborados” por diversos autores já constitui uma hipertextualidade e quebra os pressupostos de uma unicidade textual e de uma hierarquia linearizada e rígida. Ou seja, no processo de leitura digital o texto é abordado de uma forma não-linear e recriado, continuamente, no movimento próprio de uma interpretação dialógica. Esse processo é chamado de releitura.

Compreender o caminho da leitura bíblica é tão importante quanto investigar seus múltiplos sentidos. A reflexão sobre os aspectos teóricos e práticos das variadas formas de leitura bíblica possui uma relevância e uma pertinência quanto às próprias descobertas da análise exegética.

O processo de leitura, na hipertextualidade, considerada em seu sentido amplo, passa a ser representado por uma simbiose de múltiplas expressões: sons, imagens e recursos que a tornam

sedutora e geradora de textos, que conduzem o leitor a construir diversos caminhos interpretativos. A Palavra digitalizada passa a representar esse tipo de leitura que revoluciona os métodos tradicionais. Nesse aspecto, o hipertexto digital trouxe modificações para a leitura no suporte tradicional. Com as diversas práticas de leitura hipertextuais, os leitores desenvolvem uma parceria profunda na hermenêutica com os autores diante dos textos lidos. Dessa forma, o ciclo da informação e da comunicação é dinamizado e enriquecido com essas novas práticas de leituras.

1. A leitura na web

Os pressupostos de uma leitura dos textos bíblicos no suporte hipertextual digital necessitam ser mais aclarados e comparados com a leitura contínua dos textos da Sagrada Escritura, a fim de que o leitor-navegador conheça mais instrumentos metodológicos para corrigir possíveis distorções na leitura provocadas por uma postura desprovida de criticidade.

No hipertexto, o ato de leitura passa, necessariamente, por um processo de descontinuidade, não-linearidade e associação do pensamento, estabelecendo mudanças na cognição humana em relação à leitura feita no papel. O leitor, no processo de construção do conhecimento, reúne elementos aparentemente desconectados e estabelece sentidos novos e amplia os sentidos pretendidos. Toda essa realidade cria uma autonomia do leitor diante das estruturas herméticas de um texto com sua pretensão de imutabilidade de significado.

É na leitura que o texto começa o seu processo de escritura. Aliás, leitura e escritura são processos imbricados em suas relações de feitura. O sentido de um texto passa a ser construído nessas relações dialéticas. Na construção das trilhas dos links, os leitores mergulham no universo de sentidos propiciados pelos textos. O leitor, na hipertextualidade, é um colaborador quando conecta os diversos fragmentos e reestrutura um texto. Ler é prática social que mobiliza os sujeitos, através de interdiscursos, numa rede de interpretações. A leitura, neste aspecto, deve desestabilizar os sentidos já dados; isso evidencia que todo texto é provisoriamente estruturado. Por meio desta prática de leitura, o leitor ocupa uma posição relevante no processo de construção e desconstrução de sentidos dos textos lidos. Assim, os leitores, interpretando a história em suas manifestações, vão se tornando um sujeito social e histórico.

Assim, as reflexões aqui inseridas pretendem analisar os efeitos produzidos pelo hipertexto nos leitores de texto bíblico, buscando perceber em cada leitura hipertextual feita no suporte digital uma emergência significativa mediada pela confluência dos vários recursos hipermediáticos.

O hipertexto vai potencializar e problematizar a ilusão da objetividade textual, de sua auto-suficiência e completude. Ele propõe um processamento das informações onde tudo possui um significado, desde que seja estabelecida uma constante interação dialógica. Os significados estão, nesse aspecto, condicionados uns aos outros, criando novas relações discursivas, sociais e cognitivas, tal como se observa na perspectiva sócio-interacionista.

Segundo Chartier(1994:194):

“as significações histórica e socialmente diferenciadas de texto, seja qual for, não podem ser separadas das modalidades materiais por meio de que o texto é oferecido aos leitores”.

Com os hiperlinks e nós estabelecidos no hipertexto ocorre a materialização da interação dialógica, pela qual são mapeadas as unidades de criação textual. Assim, no hipertexto digital o processo de construção do conhecimento subverte os padrões de processamento informacional do texto impresso.

Contudo, é importante frisar que no texto digital não desaparecem totalmente as características do texto impresso. O hipertexto potencializa-as permanentemente. Continuamente, dialogam em suas formas de apresentação. O hipertexto digital amplia as possibilidades de leitura da informação que no papel se dá de modo contínuo, criando uma nova relação com a informação variadamente disponível no ambiente digitalizado. Os recursos midiáticos tendem a ampliar os sentidos da leitura, independentemente do tema, inclusive os bíblicos, em vários aspectos, os quais vamos mostrar e analisar neste trabalho.

A utilização dos recursos de comunicação, as imagens em movimento e os sons substituem a narrativa linear por um novo tipo conceitual. Por isso, é relevante questionar em quais aspectos, considerando o quadro da mutação da compreensão dos textos, ocorrem as modificações hipertextuais. O leitor encontra-se em estado de prontidão permanente, conecta-se aos nós e nexos, constrói roteiros multilineares, multissequenciais e labirínticos, os quais lhes deu forma pela interação com as palavras, as imagens e os sons na trama hipertextual. Esses recursos estão inseridos num contexto sociocomunicativo. É na dinamicidade da atividade comunicativa que o efeito a ser produzido se materializa. Sendo assim, no mundo digital, a forma rompe a relação com o tipo do documento apresentado.

A Sagrada Escritura é considerada como Palavra articulada num processo de comunicação, na qual a produção textual está envolvida com diversos fatores das relações entre os indivíduos inseridos em variados contextos sociocomunicativos. Presentes num suporte digital as possibilidades comunicativas da Bíblia são ampliadas significativamente.

Para Lévy(1993), ler é selecionar, esquematizar, associar a outros dados, integrar as palavras e as imagens como uma memória pessoal em reconstrução permanente. Por isso, quando lemos, não temos uma atitude linear, relacionamos o texto a outros textos, a imagens, a afetos, sendo a leitura uma ação de constante construção. Como as tecnologias artificializam as atividades mentais, o ato de escrever acelerou o processo de exteriorização e artificialização da memória e da leitura. Dessa maneira, a escrita, enquanto tecnologia, não só reforçou a leitura como ampliou as possibilidades de associação, modificando a nossa função cognitiva.

Um fluxo de texto disposto em rede está muito mais próximo das relações e estruturas do pensamento do que um período linear. Quando acessamos um link hipertextual eletrônico, seu conteúdo é processado unitariamente, como se saltássemos de um item para outro, seguindo um caminho de livres associações, similar às ligações orgânicas existentes no cérebro humano.

O hipertexto eletrônico não só se assemelha à estrutura do nosso pensamento, como também potencializa o seu desenvolvimento. Por esta razão, uma aprendizagem utilizando este ambiente torna-se mais eficaz e democrática que a fundamentada nos modelos lineares de escrita, já que estimula a cooperação entre conceitos, de modo semelhante à estruturação do próprio conhecimento humano.

2. O hipertexto e os seus princípios

Segundo Lévy(1993), a estrutura do hipertexto constitui-se a partir de seis princípios, que se encontram interligados, pois essas características possuem uma relevância diante da definição de hipertextualidade que norteia e guia o presente estudo.

- 2.1 Princípio da Metamorfose:** a composição, a extensão e a configuração da rede hipertextual estão em constante construção e renegociação. A dinâmica explica-se pela permanente abertura da rede ao exterior (princípio da exterioridade) e pela multiplicidade de conexões possíveis (princípio da heterogeneidade). Nesse aspecto, percebe-se nitidamente uma afirmação da característica da sociedade atual: o conhecimento é mutável e é influenciado a todo momento por diversas informações sucessivas. A real forma, dimensão e estrutura da rede não são passíveis de serem apreendidas, pois a dialética dos movimentos e constantes atualizações é operativa no suporte hipertextual;
- 2.2 Princípio da Heterogeneidade:** tanto os nós quanto as conexões entre eles são heterogêneos. São múltiplas as conexões num ambiente hipertextual: textos, sons, imagens compõem uma linguagem única, integrados pela digitalização, e podem compor uma mesma mensagem, pois, segundo Levy(1993), “o processo sociotécnico colocará em jogo pessoas, grupos, artefatos, forças culturais de todos os tamanhos com todos os tipos de associações que pudermos imaginar entre esse elementos” ;
- 2.3 Princípio da Multiplicidade e de Encaixe das Escalas:** a organização do hipertexto é fractal, ou seja, qualquer nó ou conexão revela-se composto por toda uma rede de informações, quando acessados. Tem-se a imagem de que cada hipertexto é um subhipertexto de um hipertexto maior;
- 2.4 Princípio da Mobilidade dos Centros:** a rede hipertextual não tem um centro único, mas diversos centros móveis e temporários, em torno dos quais se organizam infinitos rizomas. Os centros são voláteis, possibilitando, a qualquer momento, a migração de um nó para outro;
- 2.5 Princípio da Exterioridade:** não há unidade orgânica nem motor interno e a rede encontra-se aberta permanentemente ao exterior, o qual é responsável pelas suas configurações e reconfigurações constantes. Esse princípio caracteriza a permanente abertura da rede hipertextual ao exterior. Interior e exterior não são nitidamente determinados, estabelecendo-se, tópica e momentaneamente, fronteiras móveis, apenas com finalidades operacionais. No momento em que se aciona um link, o que então está no exterior de determinado hipertexto passa a integrá-lo;
- 2.6 Princípio da Topologia:** a rede constitui-se o próprio espaço em que são traçados distintos percursos hipertextuais. É aí onde se multiplicam as conexões. Esse princípio designa que a rede hipertextual funciona na base da proximidade, à medida que os links aproximam espaços e temporalidades – é possível, por exemplo, lincar um texto do dia com outro de arquivo, ou ainda informações produzidas em países distantes geograficamente, criando, dessa forma, uma proximidade com significados diversos. A topologia está relacionada com as escolhas e os caminhos são percorridos na hipertextualidade.

Baseadas nesses princípios, delineiam-se as características que, imbricadas, reconfiguram a prática da escrita e da leitura no ambiente informático por meio do emprego do hipertexto eletrônico. Antes de mais nada, é preciso ressaltar que não existe um hipertexto geral, mas níveis de hipertexto que se apresentam conforme a realização do que a ferramenta oferece como potencialidade.

Na prática, isso significa que qualquer um, ao usar o hipertexto, conforme seu interesse, pode organizar o texto e transformar qualquer documento em centro transitório. Por isso, nenhum leitor é aprisionado por um tipo de organização particular de hierarquia, ainda que esta possa ser sugerida, em alguma escala, pelo autor. Na prática fragmenta-se a definição de autoria como atividade exclusivamente individual.

Do ponto de vista de produção, o hipertexto eletrônico pode comportar uma estrutura axial e/ou em rede. Ao adotar a primeira, o autor propõe a estrutura linear do texto impresso como eixo primário de organização, sendo que os complementos irradiam do texto em forma de árvore. A adoção da segunda estrutura pressupõe uma organização dispersa e em centros múltiplos.

O hipertexto potencializa, assim, a leitura multisequencial e a construção de sentidos. É notório que qualquer texto só adquire sentido por meio da leitura. É ali onde são feitas as associações propostas ou não pelo autor, onde ocorre a interpretação e se produzem as suas significações.

Quanto à multiseqüencialidade, o livro contém no texto principal, por exemplo, os símbolos que remetem o leitor à nota de rodapé, na qual há referência sobre o próprio texto ou de outros textos. A diferença é que no texto impresso as referências encontram-se distantes espacialmente do texto principal e entre si e, depois de lê-los, retorna-se ao texto principal. Ao se escrever, acrescentar referências, analisar notas de rodapé e índice, o leitor não precisa fazer uma leitura linear, podendo seguir o que mais lhe agrada, num processo de navegação no hipertexto. Toda essa dinâmica intermediará diante do leitor o estabelecimento de conexões com o texto principal, sem abandonar, contudo, seu propósito inicial de leitura. Modifica-o durante o processo a partir de percursos de leitura que vai encontrando à sua frente.

Com o hipertexto eletrônico, a possibilidade de se construir vários percursos de leitura muda tanto a experiência de ler quanto a natureza do que se lê. Com a multiplicidade de possibilidades de produção de sentidos, os caminhos alteram a organização dos conteúdos numa perspectiva inovadora. Ao explorar as múltiplas possibilidades e rotas possíveis, cada usuário vai encontrando de forma desconexa as informações de que necessita, estabelecendo uma ordem própria.

Daí advém outra característica potencial do hipertexto, que é a multivocalidade, isto é, a possibilidade de o texto não ser elaborado exclusivamente por apenas uma pessoa, colocando em xeque os papéis do autor e leitor. Na prática, isso pode significar a produção de uma obra coletiva e anônima. Nessa perspectiva, o acesso a um hipertexto vai possibilitar ao leitor guiar-se por novas orientações, as quais serão agregadas outras informações, disponibilizando visões globais e locais.

A intertextualidade encontra-se, então, associada ao conceito de interatividade, à capacidade de interação entre obra, leitor e autor. A interatividade deve ser avaliada não mais do ponto de vista dos pólos (emissor e receptor), mas da relação que mantém entre si.

Considerando o conceito subjacente à intertextualidade, o hipertexto eletrônico não se fecha num sentido retilíneo e pré-estabelecido. A permanente abertura do texto ao exterior frustra a expectativa de um fim, que advém da narrativa tradicional. No hipertexto eletrônico, as múltiplas conexões permitidas ameaçam o conceito de fechamento que é habitual, pois encorajam o leitor a

começar a ler um texto novo sem ter concluído o anterior, buscando guiar-se pelos diversos nós e links que encontra a partir de seu propósito inicial de leitura.

3. Hipertexto: condições de produção

Na transição hipertextual, tenta-se preservar a ordem canônica do texto. Nesse suporte ela já está perdida, pois o hipertexto – analogamente ao texto, de forma mais acentuada, entretanto – não possui esta ordem mais ou menos canônica. Na verdade a deslinearização constitui-se como princípio e não como condição de produção do hipertexto. No texto, há inúmeros artifícios que permitem quebrar a linearidade, mas aqui esse recurso é opcional, é a exceção; no hipertexto é a regra. Assim é que:

“todo texto impresso pode ser um hipertexto, mas nem todo hipertexto pode ser um texto impresso”(XAVIER, 2006).

Forçoso é, contudo, reconhecer que ambos possuem uma ordem que é dada pelo leitor. Com a abertura radical propiciada pelo hipertexto, se cria uma situação hermenêutica completamente nova. A desterritorialização do texto representa, pois, um dos aspectos mais revolucionários da hipertextualidade. O hipertexto, ao provocar uma nova atitude aprendente e pensante, possibilita uma inovadora condição interpretativa aplicável também a textos clássicos, impressos.

Mesmo quando um autor escolhe um conjunto de representações para determinado conceito, isto é, quando estabelece os possíveis links de seu texto, fá-lo por meio de critérios subjetivos de escolha, fá-lo em função de um contexto partilhado com um conjunto imaginário de leitores. A liberdade de escolha do leitor é, portanto, a possível, não a ideal, adverte Xavier (2006).

Mesmo admitindo uma relação entre as características do hipertexto e do texto clássico em sua forma impressa (a nossa cultura é, essencialmente, verbalista), essa nova forma, que põe a palavra em constante movimento, parece desestruturar a lógica linear estabelecida na cultura do impresso. Dessa forma, a rede semântica de significações dos hipertextos indica novas possibilidades de interpretações, as quais estão livres da classificação fixa e materialmente objetiva do livro.

4. Análise do corpus

Ele, o hipertexto, causa uma ruptura nas práticas de leitura, em princípio pela sua facilidade na arte de efetivar uma simbiose entre diversos aspectos da hipertextualidade: sons, imagens e outros recursos de multimídia. Em seguida, a prática de utilização de hipertexto evidenciou entre os atores pesquisados uma forma de leitura fragmentada e não-linear. Essas características já estavam presentes no meio impresso. Todavia, as possibilidades de comunicação facilitadas pelo hipertexto digital ampliam as dimensões de leitura dos textos. Através do espaço da Internet, novas formas de leitura assumem características específicas que subvertem à sucessividade tradicional dos suportes de leituras.

É importante frisar, de início, que o patamar de inovações do hipertexto digital foi o material impresso. Ele é um suporte novo de veiculação de informações, possui uma capacidade de

armazenamento superior, bem como apresenta uma velocidade maior diante de qualquer outro meio de comunicação. Contudo, não é possível analisá-lo como uma inovação técnica independente. O próprio hipertexto digitalizado trabalha com textos superpostos, até então inseridos no suporte impresso, como por exemplo, os intertextos, os quais como observado anteriormente, fazem parte da essência da hipertextualidade.

Ser uma escrita totalmente nova não é o propósito do hipertexto. Representa, pois, uma simbiose de técnicas anteriores. As técnicas são resultado de um processo sócio-cultural que determinadas coletividades efetivam em suas práticas e usos no cotidiano. Sua inserção na sociedade acontece num processo de sucessão e não de substituição total, demonstrando uma cisão complexa dos centros analíticos.

No meio impresso e no ambiente digital, o hipertexto só existe quando o leitor mantém-se numa postura de constante abertura e busca pelas articulações possíveis na construção de sentidos mediatizadas pelas trilhas propostas. O caráter da hipertextualidade supõe que a leitura seja operada de forma não-linear e se busque mergulhar nos diversos links, nos intertextos e outros caminhos construídos pelo leitor-navegador.

Nessa esteira de raciocínio, a leitura hipertextual é constituída por uma construção composta por camadas intertextuais, nas quais o leitor e autor confundem-se em seus papéis. Os textos são produzidos e construídos sem fronteiras nítidas. Como observado anteriormente, a cultura impressa, com a qual já convivemos durante tanto tempo, trabalha também com outros textos que não estão presentes na estrutura textual de forma explícita, ou seja, com intertextos. Os processos textuais em meio digital podem ser constituídos de forma que ele possa gerar uma multiplicidade de encaixes multilineares, formando uma rede que não obedece a nenhum princípio de centralidade nem de linearidade.

Com a utilização do computador nas pesquisas bíblicas, a construção do conhecimento processou-se de uma forma diferente, pois as estratégias e métodos de aprendizagem conduziram o leitor-navegador para uma maior autonomia interpretativa. Verificou-se que o trabalho com uma multiplicidade de recursos (imagens, sons, palavras, ambientes virtuais diversos) produziu simultaneamente um estranhamento e um encantamento às pessoas pesquisadas diante das facilidades de leituras diversas que o suporte digital apresentava.

Uma leitura no suporte digital, através de hipertextos, exigirá estratégias cognitivas diferentes das presentes no texto-papel-linear. Várias vozes e discursos interagem numa multiplicidade de direções. Tudo isso sedimenta a intertextualidade como característica imbricada na hipertextualidade, segundo os caminhos traçados por seus usuários.

Quando se utiliza dos recursos eletrônicos e virtuais, o leitor possui uma liberdade de colocar diversas chaves de leituras, abrindo, dessa forma, outras possibilidades de leituras e uma multiformidade de significados. O leitor-navegador pode fazer várias abstrações na procura de significados possíveis e legítimos. Com isso, as variações interpretativas nascem no interior de cada texto. Guiado pela iniciativa do leitor-escritor, cada texto produzirá um outro texto, numa exploração das estruturas semânticas oferecidas pelas várias estratégias de navegação. É importante ressaltar que todo processo de interpretação pelo qual o leitor-navegador passa, bem como o percurso mental e as estratégias cognitivas encontradas em seu caminho, através dos diversos links, exige uma atitude de pesquisador numa perspectiva dinâmica e processual.

Para poder relacionar um texto a outro texto, o leitor-navegador necessita planejar, investigar, ler, comparar textos, compilar e selecionar os materiais necessários para justificar seu propósito de leitura, através de uma análise e de uma reflexão apurada, criando vínculos textuais, pelos quais cada link resulta de ressonâncias produzidas pelo texto e o seu ambiente circundante. Em cada texto compilado e relacionado com outros textos, desvenda-se um olhar interpretativo do leitor sobre o produto textual, uma atitude que o leva a inferir que o texto impresso ou no suporte digitalizado pode ser transcendido em direções diversas, sem que nenhuma das trilhas ou perspectivas escolhidas consiga esgotá-lo, pois um caminho textual está em constante movimento para um outro desconhecido e desejável.

5. Considerações finais

As discussões e reflexões que compõem o *Corpora* do presente trabalho permitem-nos concluir que as características do hipertexto digital estão provocando profundas mudanças nos processos de leitura até então restritos ao suporte impresso.

As novas formas de ler implicam novas maneiras de pensar, de se relacionar e interagir diante da emergência do letramento digital face aos modelos tradicionais de leitura ainda vigentes nas ações comunicativas das pessoas. As mudanças são tão profundas e generalizadas que caracterizam um novo paradigma de época. Estamos vivenciando os efeitos da Sociedade da Informação. A partir da velocidade do processo comunicacional, mediada pelos processamentos dos computadores, o ritmo da velocidade da vida é acelerado nas percepções, sentidos e interpretações com que são elaboradas nossa experiência de viver.

O hipertexto trouxe para as práticas de leitura implicações lingüísticas, cognitivas e interacionais. As mudanças suscitadas pelo novo suporte de leitura carregam consigo alterações significativas na materialidade e na linearidade dos textos. Não só as pessoas modificam-se diante do processo inaugurado com as novas tecnologias da informação, mas também a sociedade é transformada em suas múltiplas expressões.

É bastante claro que o mecanismo psicológico básico da leitura – reconhecimento e compreensão – foi profundamente acelerado diante das formas de leitura tradicional, com o surgimento dos recursos midiáticos, criando verdadeiros ambientes multimidiáticos com a inserção dos links no espaço da leitura.

O leitor-navegador é o responsável, nos espaços em que navega, pela construção de sentidos de um texto. Nas diversas virtualidades em que ele transita ocorre uma seleção sequencial dos links encontrados. Esse procedimento metodológico e cognitivo propicia ao leitor uma ruptura com a ordem lógica e hierarquizada da leitura da Bíblia, objeto de estudo do presente trabalho, pois sua organização em capítulos e versículos, possibilita uma intertextualidade entre as diversas unidades de texto. Ler, nesse aspecto, torna-se um ato fruído e prazeroso.

A verificação dos resultados da pesquisa elaborada sobre as inovações do hipertexto digital na leitura dos textos bíblicos permite-nos afirmar que: os links presentes no suporte de um hipertexto digital facilitam bastante o processo de leitura do texto bíblico. Além de ampliarem os conteúdos pesquisados, desenvolvem um papel singular na compreensão dos textos, pois o hipertexto potencializa, através dos assuntos “linkados”, outros caminhos na construção do sentido do texto. O

tema abordado no hipertexto, com a presença dos links, assume uma dinamicidade e abre inúmeras possibilidades para o leitor navegar nos diversos sentidos de um texto.

Em se tratando do papel da imagem no hipertexto, a pesquisa constatou que o movimento delas no suporte digital colabora com a leitura dos textos bíblicos. As imagens, para os entrevistados, quando inseridas no suporte digital de um hipertexto estabelecem associações semânticas, possibilitando ao texto ser mais percebido e, por conseguinte, mais apreendido pelo leitor. Com as imagens presentes no hipertexto ocorre uma convergência de mídias no mesmo suporte, provocando uma pluritextualidade no processo de leitura.

Os links possuem uma característica coesiva, pois, potencialmente, ligam hipertextos afins e até opostos na mesma página web. Nesse aspecto, a pesquisa evidenciou que a coerência textual nos links é creditada ao percurso que o hiperleitor opta durante a leitura. Essa assertiva foi constatada quando os entrevistados afirmaram em suas respostas que é o interesse em aprofundar o assunto pesquisado que os guia na escolha dos links. Assim, os links são indicadores de sentidos disponibilizados para o hiperleitor se guiar a partir da organização de informações relacionadas com o propósito de leitura pretendida.

Uma constatação na pesquisa foi a de que os entrevistados percebem mais a instabilidade do texto quando ele está inserido no hipertexto digital. Esse aspecto não foi visto como elemento negativo. Pelo contrário, constitui um indicativo de buscas e descobertas para o hiperleitor. Quando lêem o texto bíblico no suporte digital os entrevistados afirmaram que essa característica é mais acentuada. Dessa forma, o hiperleitor vai desenvolver uma apreensão dos conteúdos conduzida por uma fragmentariedade construtiva de sentido.

Quando os entrevistados lêem a Bíblia na internet, ocorre uma interação maior que no suporte impresso. O fato de o hipertexto estar na mesma plataforma enunciativa na internet envolve mais o leitor numa perspectiva interacionista. Todavia, também foi constatado que a leitura no suporte digital, apesar da flexibilidade na navegação, apresenta limitações quanto à dimensão mecânica do corpo, pois este permanece mais estático.

Mesmo reconhecendo que a leitura no suporte impresso oferece também outros tipos de hipertextos, como por exemplo a não-linearidade através das interconexões aludidas no corpo textual, na pesquisa ficou constatado que é no hipertexto digitalizado que essas possibilidades são ampliadas, deixando o texto mais atrativo.

Enfim, a leitura da Bíblia no suporte do hipertexto digital, é um indicativo objetivo de que qualquer escrito não deve estar à mercê do critério da sociedade do momento, em nosso caso, o da Sociedade da Informação. Pelo contrário, pela internet as interpretações, antes petrificadas pela arrogância de alguns, cedem espaços em oceanos diversos para se navegar em múltiplos sentidos.

6. Referências bibliográficas

CHARTIER, R. do Códice ao monitor: a Trajetória do escrito. *Estudos Avançados*. 8 (21), 1994, P. 185-199

_____, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2002

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ELIAS, Vanda Maria da Silva. Escrita, Hipertextualização e Oralidade. Unicsul, n.5, P. 107-112, abr. 1999.

EKLUND, J. Cognitive models for structuring hypermedia and implications for learning from the world-wide-web. 1995. Disponível em : <http://ausweb.scu.edu.au/aw95/hupertext/eklund/> Acesso em: 24 jul. 2001.

KOCH, Ingedore V., Interação pela Linguagem. São Paulo: Contexto, 2003.

LAJOLO, M. DO Mundo da Leitura do Mundo para a Leitura do Mundo. 3ª Ed. São Paulo, 1997.
_____, Marisa. Do Intertexto ao Hipertexto: as paisagens da travessia. Revista da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, V. 56, P. 65-72, jan./dez. 1998.

LANDOW, P.G. The Rhetoric of Hypermedia: Some Rules for Authors. 1990

LANDOW, G.P. and DELANY, P. "Hypertext, Hipermedia and Literary Studies: the State of the Art", in DELANY, P. And LAKOFF, G. (orgs) Hypermedia and Literary Studies, Cambridge: The MIT Press, 1991.

LÉVY, Pierre. As Tecnologias da Inteligência: O futuro do Pensamento na era da informática. Ed. 34, Rio de Janeiro – RJ, 1993.

_____. Cibercultura. Ed. 34. Rio de Janeiro – RJ, 1993.

_____. O que é o virtual? Trad. Paulo Neves. 3ª ed. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MARCUSCHI, L.A. Leitura como Processo inferencial num Universo Cultural Cognitivo. Leitura: Teoria & Prática, nº 04, ano 05, jul. 1985.

_____, L.A. Hipertexto: definições e visões (Texto apresentado no I Encontro sobre Hipertexto, PE – Brasil, 2000).

_____ e XAVIER, Antônio Carlos (orgs). Hipertexto e Gêneros Digitais: Novas Formas de Construção de Sentido. Rio de Janeiro: Editora lucerna, 2004

_____ O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula, In: Língua Portuguesa em Debate. Conhecimento e Ensino, 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

MARCUSCHI, L. A. O Hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. Linguagem e Ensino, vol. 4, n. 1 (2001) p. 79-111

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, Texto e Hipertexto.

Disponível em www.unicamp.br/~hytex. Acesso em 20 de maio de 2006.